Eles querem 'endireitar' o Brasil

As alas mais conservadoras da sociedade brasileira estão cada vez mais barulhentas e ansiosas para varrer a esquerda do poder. Pesquisas analisam o fenômeno e mostram por que, até agora, a extrema-direita não conseguiu se unificar e transformar suas bandeiras em um programa político

TEXTO Pablo Nogueira • ILUSTRAÇÃO Marceleza

Poucos políticos brasileiros já fizeram algo suficientemente relevante para chamar a atenção de grandes veículos da imprensa internacional, como o jornal americano *The New York Times,* ou a rede de TV britânica BBC. Pois o deputado federal e pastor evangélico Marco Feliciano (PSC-SP) conseguiu, e chegou até a recusar entrevistas. O estopim foram os abaixo-assinados e protestos que pulularam entre março e abril deste ano, exigindo a renúncia do pastor da presidência da Comissão de Direitos Humanos do Congresso. Reproduzindo a tese de analistas políticos daqui, os jornalistas estrangeiros atribuíram a ascensão do deputado ao crescimento do eleitorado conservador no Brasil, especialmente de matriz religiosa.

"Feliciano não chegou lá sozinho e representa um grupo político de características fundamentalistas", declarou o deputado estadual do Rio Marcelo Freixo (PSOL), referência nacional em direitos humanos. "Tenho dúvida se a ala progressista de nossa sociedade vai fazer o enfrentamento que deveria fazer. Ou se parte do setor será pragmático a ponto de olhar para a capacidade eleitoral desse grupo conservador e fechar os olhos para um importante debate de valores." O jornalista Jânio de Freitas, da *Folha de S. Paulo*, viu a formação de uma nova frente conservadora, com potencial para influir no debate daqui para a frente. "Este novo bloco evangelista e o bloco ruralista não precisam estar de acordo em tudo para comprovar o adiantamento da direita, como bancada no Congresso, sobre os que se dizem 'a esquerda'", escreveu.

Será que realmente os setores conservadores estão se tornando mais operantes na vida política brasileira? Na academia, alguns pesquisadores buscam mapear suas iniciativas. Algumas delas têm como protagonistas intelectuais adeptos do movimento skinhead e do integralismo. Em curto prazo, eles almejam implantar uma agenda marcada por valores fundamentados na religião, nas tradições nacionais e na moral conservadora. E ambicionam construir uma alternativa à polarização PT-PSDB que tem marcado as últimas décadas da vida republicana nacional.

A maior parte dos estudos acadêmicos sobre os atuais grupos de direita aborda as chamadas organizações neointegralistas, que se caracterizam por manter viva a doutrina elaborada nos anos 1930 pelo político, jornalista e teólogo brasileiro Plínio Salgado (1895-1975). A corrente integralista defendia o Estado forte, centralizado, de base religiosa e manifestava alguma admiração por líderes conservadores europeus como o italiano Benito Mussolini e o espanhol Francisco Franco (*veja quadro na pág. 21*). O integralismo foi um fenômeno de massas que chegou a reunir mais de um milhão de adeptos até ser posto na ilegalidade em 1937.

FARINHA DO MESMO SACO
Além de cultuar símbolos tradicionais, os neointegralistas têm o galo Tupã como mascote; na charge, ele esmaga o verme de duas cabeças, comunista e liberal

Fotos: Gui Gomes

NÃO AO VOTO UNIVERSAL
Líder dos linearistas, Guilherme defende sociedade organizada por profissões

O primeiro grande evento neointegralista aconteceu em 2004 em São Paulo. No auditório que sediava o Primeiro Congresso Integralista para o Século 21 estavam diversos grupos de todo o país, reivindicando para si a identidade de integralistas. Na pauta, a proposta de unificação de todas as organizações sob uma única denominação e a fundação de um novo partido político. Acompanhando as palestras estavam também membros de grupos nacionalistas como o Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil, ex-militares, skinheads e até um meio-irmão do senador petista Eduardo Suplicy. Seu nome é Anésio Campos Lara, um simpatizante do integralismo que já foi acusado de negar o Holocausto.

"As palestras deste primeiro congresso traziam críticas aos governos FHC e Lula, e apontavam a necessidade de uma união entre as forças de direita", recorda Márcia Carneiro, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) que assistiu ao evento na qualidade de pesquisadora. Neta de integralistas, Márcia começou a estudar a história de sua família e tornou-se pioneira nos estudos sobre o neointegralismo. "Também se falava contra a atuação de movimentos sociais e de grupos defensores de minorias. A certa altura, um grupo de punks começou a fazer um protesto do lado de fora. Daí algumas pessoas foram até lá para enfrentá-los e a tensão só terminou com a chegada da polícia", conta ela.

A construção de uma grande articulação integralista de caráter nacional, porém, fracassou por divisões internas. Só o Estado de São Paulo sedia dois dos grupos mais atuantes, a Frente Integralista Brasileira (FIB) e o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B). A reportagem de **Unesp Ciência** esteve na sede de ambos e conversou com seus representantes.

> Em 2004 foi realizado o Primeiro Congresso Integralista para o Século 21. A expectativa era que a doutrina poderia aglutinar diversos grupos de direita. Mas divergências internas resultaram na pulverização do movimento em diferentes organizações

O MIL-B é liderado pelo servidor público Cássio Guilherme, 43 anos, e tem seu escritório principal em Campinas. Na parede, o desenho de um verme com duas cabeças ilustra suas crenças políticas, as mesmas sustentadas pelos integralistas dos anos 1930. "Uma cabeça representa o capitalismo liberal e a outra, o marxismo. Para nós, essas duas correntes não têm nada de antagônicas", diz Guilherme. "Ambas estão a serviço do grande capital. Só parecem ser inimigas. É um grande teatro. Somos fervorosamente contrários às duas."

No passado, Guilherme e demais membros do MIL-B faziam panfletagens para difundir suas ideias. Quando convidado, também faz palestras, mas sua atividade principal é coordenar as reuniões semanais da organização e cuidar de um acervo com mais de 80 obras da doutrina integralista, além de teses e artigos de pesquisadores. Para ele, é triste ver o desinteresse dos brasileiros pela política.

"Quando fui presidente do DCE [*Diretório Central dos Estudantes, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais*], entrava em conflito com o pessoal da esquerda, mas pelo menos havia algo para discutir", lamenta. "Hoje o jovem só quer um emprego e resolver seus problemas, não pensa no país. O Brasil não tem um projeto político." Entretanto, uma mudança nesse cenário pode estar próxima, acredita ele. "Anulo meu voto há 15 anos. Na última eleição, foram 35 milhões de votos nulos, brancos e abstenções. Há mais pessoas que estão revoltadas com a situação atual."

Eleitor incorfomado

No FIB, cuja sede fica no bairro da Vila Maria, zona norte de São Paulo, o gerente de tecnologia Lucas Pavão Xavier, 32, ocupa o cargo de diretor administrativo. A entidade, explica, aproveita eventos cívicos como os desfiles de 7 de setembro para difundir suas ideias por meio de panfletagem. Mas o principal canal de transmissão delas é o site, que tem por volta de 60 mil acessos semanais. Segundo ele, a maior parte dos que querem conhecer o neointegralismo são homens jovens, e os picos de acesso ocorrem por ocasião das eleições, o que é interpretado como um sinal de inconformismo com o quadro eleitoral brasileiro. "Todos os partidos, até o DEM, apresentam elementos do pensamento marxista. O povo não se identifica com eles", diz. "As pesquisas de opinião pública mostram que as instituições com maior credibilidade são as Forças Armadas e a Igreja, e que o brasileiro rejeita temas como a união homossexual ou o aborto", prossegue. Como Guilherme, Xavier também se diz preocupado com a apatia política da população, cujas raízes, segundo ele, remontariam ao regime militar. "Todo mundo hoje associa política com corrupção e prefere se distanciar do assunto."

Xavier não quer ser enquadrado como uma pessoa de direita, no sentido amplo do termo. "Só no sentido de ser antimarxista", enfatiza. Mas não vê problemas em colaborar com estes setores. "Enquanto não lançamos um partido integralista, podemos apoiar a formação de um partido de direita, pois faz falta na democracia brasileira", justifica. Outra possibilidade é o apoio a candidatos integralistas por outras legendas. "No passado, já foram eleitos candidatos adeptos do integralismo, que não explicitaram sua condição", conta.

O objetivo destes esforços seria evitar

Partido Integralista teve mais de um milhão de filiados

O jornalista, político e teólogo Plínio Salgado (1895-1975) foi o mais próximo que o Brasil chegou de um grande líder autoritário. Intelectual autodidata, teve participação discreta na Semana de Arte Moderna de 1922. Ao lado dos escritores Menotti del Pichia e Cassiano Ricardo, fez parte do Movimento Verde e Amarelo, facção do grupo modernista que defendia uma identidade nacional despida de elementos europeus. Mais tarde, inspirou-se nas obras de pensadores conservadores brasileiros como Alberto Torres e Oliveira Viana, que defendiam uma organização política centralizada e autoritária.

Em 1930, Salgado elegeu-se deputado estadual e intensificou sua atuação política. Nesse ano visitou a Itália sob regime fascista. Em 1932, fundou a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento nacionalista que pregava a abolição do sufrágio universal e apontava como adversários tanto o grande capital quanto o movimento comunista internacional. A AIB contou com o apoio de Getúlio Vargas, que na época governava o país sem constituição.

A AIB tinha vários elementos semelhantes aos partidos Nacional-Socialista, da Alemanha, e Fascista, da Itália. Plínio Salgado era reverenciado como chefe supremo e seus partidários saudavam-se com o braço estendido, envergavam um uniforme verde e faziam grandes demonstrações públicas nas cidades, chegando a promover uma marcha no Rio que reuniu 50 mil pessoas. Também tinham um símbolo, a letra grega sigma, que na matemática é usada para indicar o conceito de somatório. Em apenas cinco anos, o movimento desabrochou como um dos maiores movimentos de massa do país. Possuía uma rede de 114 jornais próprios; suas organizações juvenis reuniam 155 mil crianças. A AIB tornou-se partido político para que Plínio Salgado concorresse à eleição presidencial de 1938, e chegou a contar com mais de 1 milhão de filiados. Mas, em 1937, Vargas decretou o Estado Novo e aboliu todos os partidos políticos. Convidou Salgado para o governo, mas ele não aceitou. Ainda em 1938, os integralistas fizeram dois ataques armados ao Palácio do Catete, e foram repelidos. Salgado exilou-se na Europa, depois retornou ao Brasil e continuou participando do cenário político nacional. Mas o integralismo como fenômeno de massas já estava morto.

Reprodução

Desfile de mais de 50 mil "camisas-verdes" no Rio de Janeiro , em 1937

SEM MEDO DE ASSUMIR
O deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) é dos poucos políticos de projeção no Brasil a se apresentar como defensor do ideário conservador e opositor da esquerda

Foto: Wilson Dias/ABr

AZUIS E VERMELHOS
Manifestação de apoio a Bolsonaro organizada por grupos conservadores em 2011 terminou em enfrentamento com militantes de esquerda e oito prisões

Foto: Mastrângelo Reino/Folhapress

uma revolução comunista supostamente em andamento e que teria suas bases ideológicas no pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937). Em sua coluna na *Folha de S. Paulo* de 16 de março de 2013, a senadora Kátia Abreu (PSD-TO) discute o assunto: "Gramsci ensinava que o teatro de operações da revolução comunista não era o campo de batalha, mas o ambiente cultural (...) sustentava que o novo homem, anunciado por Marx, emergiria não do terror revolucionário, mas da transformação das mentes. Para tanto, impunha-se a infiltração e o domínio pelo partido dos meios de comunicação – jornais, cinema, teatro, editoras etc. – e a quebra gradual dos valores cristãos por meio do que chamava de guerra psicológica (...) Desnecessário dizer que essa revolução está em pleno curso no Brasil – e não é de hoje".

A esquerda segue uma estratégia sofisticada, segundo Xavier. "Mas esse ciclo político que se iniciou após o período militar já se aproxima do fim. Estes grupos [*de esquerda*] estão num processo de decadência inevitável, do qual o mensalão é só um exemplo. Vão apodrecer por si mesmos."

Os neointegralistas foram o objeto de uma tese de doutorado defendida em 2012 por Jefferson Barbosa, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Unesp em Marília. Ele avaliou quanto das motivações originais do movimento ainda está presente nos militantes de hoje. "No grupo do integralismo linearista (MIL-B) há alguns pontos divergentes, mas, de modo geral, grande parte dos militantes segue as mesmas ideias da década de 1930", diz.

Uma destas ideias é a democracia orgânica, um conceito bem diferente da democracia partidária, em que os diferentes grupos disputam o poder por meio das urnas. Na versão orgânica dos neointegralistas, as câmaras legislativas deixariam de ser a principal instância de representação eleitoral. Em seu lugar entrariam representantes escolhidos pelas diferentes categorias profissionais. O modelo também é chamado de corporativista e foi adotado na Itália fascista. "Todos os regimes autoritários do início do século 20 seguiam o corporativismo", afirma Barbosa.

Outro elemento que remonta aos anos 1930 é o nacionalismo e a valorização dos símbolos pátrios. "O nacionalismo está a serviço de um discurso salvacionista do Estado, ameaçado pela globalização e pelos conglomerados financeiros internacionais e pelo suposto avanço do comunismo." Essa parece ser uma tendência mundial, segundo Antonio Carlos Mazzeo, professor da Unesp em Marília que é o orientador de Barbosa. "Surgiram grupos fascistas, tanto em países do antigo bloco soviético como em nações ocidentais, como Itália e França", diz Mazzeo. Lá fora, porém, esses grupos adotam muitas vezes um discurso racista. "No Brasil já havia um pensamento conservador que valorizava a miscigenação. Isso se mantém nos novos integralistas", diz Mazzeo.

O pesquisador da Unesp também se dedicou a estudar as frentes de atuação dos neointegralistas em jornais, sites e documentos do movimento. Entre outras iniciativas, localizou um candidato integralista a deputado distrital, pelo PTB em 2010, no Distrito Federal (Paulo Costa, que não conseguiu se eleger). Encontrou ainda diversas menções elogiosas a políticos não integralistas, como o deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ), e ao falecido Enéas Carneiro, fundador e líder do extinto Partido de Reedificação da Ordem Nacional, o PRONA. Verificou também a participação, em congressos da Frente Integralista Brasileira, de partidários de grupos monarquistas, ex-alunos da Escola Superior de Guerra e membros do movimento skinhead. "O lema dos integralistas é 'Deus, Pátria e Família'. Ele aglutina simpatizantes das ideologias de direita e permite buscar aproximações", avalia Barbosa.

Neste diálogo parece haver reflexos do prestígio de que os integralista desfrutaram na primeira metade do século 20, na opinião de Márcia Carneiro, da UFF. "É um movimento que reuniu intelectuais como Miguel Reale [um dos maiores juristas do Brasil, duas vezes reitor da USP], Santiago Dantas [ministro do Exterior no governo Jango] e Câmara Cascudo [pioneiro no estudo do folclore brasileiro]", diz ela. Somando-se a isso o esforço que a geração atual está fazendo para manter esta memória, pode-se entender por que neointegralistas despertam interesse em quem se afina com visões políticas mais conservadoras. "Segundo essa doutrina, surgirá no Brasil a Quarta Humanidade, que seria o último estágio da "evolução espiritual humana"', explica Márcia. "É possível equiparar este desejo de supremacia à ideia do retorno à época imperial romana do fascismo italiano e a instauração do Terceiro Reich alemão. A defesa da tradição, ainda que inventada, é uma das características do pensamento da direita. O integralismo serve a esta perspectiva."

Repúdio ao "kit gay"

É entre grupos de skinheads que a aproximação com os integralistas parece ser mais valorizada. É possível encontrar diversas referências ao mantra "Deus, pátria e família" em panfletos, jornais e sites produzidos por seus militantes. Tal simpatia ganhou visibilidade em 2011, quando eles organizaram um ato de apoio ao deputado Bolsonaro na Avenida Paulista. Na época, Bolsonaro estava sob fogo cerrado no noticiário político por sua condenação apaixonada de um material educativo anti-homofobia que o governo federal preparava para distribuir nas escolas.

A manifestação reuniu cerca de 70 pessoas e foi acompanhada por uma contramanifestação, organizada por partidários da esquerda, que hostilizaram os skinheads chamando-os de "fascistas". Separados por um cordão de policiais, os dois grupos insultaram-se mutuamente durante algumas horas, até que a PM interveio e fez oito prisões. Uma semana depois, um jovem (de um movimento de esquerda) foi espancado até a morte em frente a uma boate, no que foi considerado um ajuste de contas entre os dois grupos. Dentre os detidos durante o ato pró-Bolsonaro estavam dois skinheads posteriormente identificados pela Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) como participantes de um atentado com uma bomba caseira na Parada Gay de São Paulo em 2009, que fez 21 feridos.

> Até a senadora Kátia Abreu (PSD-TO), que não costuma ser associada à extrema-direita, declarou acreditar que uma revolução de cunho comunista, nos moldes prescritos pelo filósofo italiano Antonio Gramsci, está em andamento no Brasil hoje

As ações da Decradi para combater os crimes de ódio na região metropolitana de São Paulo é o tema da tese de Carlos Eduardo França, professor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e doutorando na Unesp em Marília. Criada em 2006, depois que skinheads mataram por espancamento um homossexual em plena Praça da Sé, a Decradi registrou, entre 2001 e 2011, 14 agressões contra homossexuais, negros e moradores de rua em São Paulo. "Mas muita gente deixa de prestar queixa. Então com certeza o número é bem maior", diz França. Segundo os organizadores da Jornada Antifascista, manifestação que ocorre anualmente na capital paulista para protestar contra crimes de ódio, apenas em 2011 foram noticiadas mais de 40 ocorrências deste tipo, sendo que muitas não chegaram a se transformar em boletins de ocorrência.

França considera eficientes as ações da delegacia para combater a ação destes grupos, mas faz ressalvas. "Através de câmeras de monitoramento e da criação de um banco de dados com informações pessoais, a polícia tem conseguido dar uma resposta à sociedade, identificando e punindo os autores dos crimes. Mas essa estratégia, embora relativamente eficaz, é apenas punitiva. Falta policiamento preventivo para impedir os crimes."

O levantamento mostrou também algumas tendências, como o aumento das ocorrências de violência contra homossexuais. "Assim como houve um crescimento das ações do movimento LGBT desde o ano 2000, a ações violentas contra ele também cresceram. A bomba jogada na Parada Gay em 2009 simboliza o repúdio às conquistas que esse movimento tem obtido ao longo da década", diz.

O CONTRA-REVOLUCIONÁRIO
Há duas décadas Olavo de Carvalho diz que revolução comunista está em curso no Brasil. Tese entrou para o imaginário da direita e é defendida por diversos grupos

MUITOS GRUPOS, MESMOS VALORES
Frente Integralista Brasileira marcha com mais 50 mil pessoas em Brasília em 2011

DOUTOR ENÉAS
Sonho de fazer do PRONA um grande partido conservador não se realizou

POLITIZADOS, VIOLENTOS E PRECONCEITUOSOS
Um dos neonazistas presos em Caxias do Sul (RS), em janeiro de 2012, por tentar agredir jovens em ponto de ônibus; grupo portava facas, soqueiras e bastão retrátil

Foto: Divulgação; Antônio Cruz/ABr; Ricardo Wolffenbüttel/Folhapress

Outra tendência é a maior organização dos skinheads, diz França. "A partir dos anos 1990, começou o processo de formação de uma rede nacional. Hoje, grupos de São Paulo estão em contato com outros do Sul ou do Nordeste. Deixam de se limitar ao sistema de gangues e buscam se articular como movimento." Chamou a atenção do pesquisador a busca de contato com organizações de fora do movimento skinhead. "O nacionalismo é uma bandeira levantada por esses grupos em todo o mundo. Mas a popularização do lema 'Deus, pátria e família' é algo que só ocorre aqui."

Mídia sem máscara

O historiador Lucas Patschiki também se iniciou nos estudos sobre a direita pesquisando a memória do movimento integralista, ainda na graduação. Quando foi aprovado para o mestrado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, procurou um orientador especializado no tema. Certo dia mostrou a ele um texto com uma peroração sobre a iminente ameaça comunista que se avizinhava do país. "Na hora, meu orientador pensou que era um artigo antigo do Plínio Salgado. Mas o texto havia sido escrito recentemente pelo Olavo de Carvalho. Na hora, decidimos que era um bom tema de pesquisa", recorda ele. Sua pesquisa focou o site *Mídia sem máscara* (www.midiasemmascara.org), que tem como fundador e principal autor o jornalista paulista Olavo de Carvalho.

Socialista na juventude, Olavo de Carvalho despontou nos anos 1990 como uma das novas vozes do pensamento conservador brasileiro. Atuou como colunista em diversos veículos ligados aos grandes grupos de mídia, como o *Jornal da Tarde* e a revista *Época*, dos quais foi demitido em meio a polêmicas. Em 2002, criou o *Mídia sem máscara* com a proposta de comentar o noticiário e proporcionar uma perspectiva conservadora das atualidades.

> No Brasil, aproximação dos skinheads com o integralismo levou-os a simpatizar com o lema "Deus, pátria e família". Mas a violência continua. Eles chegaram a detonar uma bomba caseira durante a Parada Gay de São Paulo que deixou 21 feridos

Mais do que um espaço para comentar o noticiário político, o *Mídia sem máscara* tornou-se uma comunidade virtual que articula autores e leitores em torno das mesmas ideias. Além de Carvalho, o site traz textos de outros 52 colunistas de variadas tendências conservadoras. Além disso, 18 comunidades ativas no Orkut se dispõem a congregar leitores e agir como espaço para debate dos artigos, agindo como uma segunda frente para captação de simpatizantes. Patschiki identificou links que associam o *Mídia sem máscara* a outros 139 endereços da internet, mapeando assim uma rede cuja atuação vai além da simples apresentação de notícias.

Para o historiador, o site age como uma versão repaginada do que foram, nos anos 1960, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes) ou o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad). Semelhantes a ONGs, essas instituições buscavam influenciar a opinião pública produzindo material anticomunista e servindo de apoio aos que faziam oposição ao governo João Goulart. "Assim como estas organizações, o *Mídia sem máscara* não traz propostas específicas, mas procura divulgar um programa ideológico e entende a necessidade de trabalhar em rede para divulgá-lo", explica.

Por não explicitar objetivos políticos específicos, os resultados das ações desta rede não são óbvios, mas existem. Um deles é o reforço da crença na suposta revolução comunista gramsciana em andamento no Brasil. "Essa tese da revolução, como parte inclusive de uma articulação internacional, é uma ideia do Olavo de Carvalho que se tornou dominante no imaginário cultural da direita brasileira", afirma Patschiki.

Além de ser uma instância de difusão, o *Mídia sem máscara* e a rede à qual ele pertence agem como canal de formação ideológica. Uma evidência da eficácia desta estratégia, embora mais difusa, seria o apoio que o deputado Marco Feliciano encontrou junto a uma parcela da opinião pública em sua luta para permanecer na presidência da Comissão de Direitos Humanos. "Ele não é apoiado só por sua igreja, mas também por vários grupos que reverberam este discurso", diz Patshicki.

Há outros sinais da influência do *Mídia sem máscara*. Entre os grupos que participaram da passeata de apoio a Bolsonaro em 2011, por exemplo, houve quem citasse Olavo de Carvalho como referência teórica. Nesse mesmo ano o jornalista foi premiado com a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, importante comenda cívica do Rio de Janeiro, por indicação do deputado Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro.

Para o pesquisador, o site mantido pelo jornalista é um exemplo de um movimento fascista contemporâneo. "Eles defendem a criação de partidos de direita, dizendo que é um desdobramento natural do desenvolvimento democrático do país. Mas estes setores têm uma linguagem de profunda violência simbólica contra outros setores políticos, não são democráticos", diz. Olavo de Carvalho tomou conhecimento do trabalho de Lucas Patschiki, e por meio de artigos no *Diário do Comércio* refutou veementemente o epíteto de fascista e classificou a pesquisa de inconsistente.

Todos no centro

Identificado como uma das vozes conservadoras do mundo acadêmico, o historiador Marco Antonio Villa, da Universidade Federal de São Carlos, concorda com os adeptos destas correntes quanto ao fato de não existir no Brasil um partido que seja verdadeiramente de direita. Com o processo de transição democrática, explica ele, os políticos foram deixando de reivindicar a imagem de representantes deste discurso no país. "Houve uma caminhada em direção ao centro. Basta ver que a transição democrática foi feita por José Sarney, que foi presidente da Arena, o partido do regime militar", diz. O PRONA de Enéas Carneiro, acrescenta, foi criado para ocupar este espaço. Mas a organização falhou em obter viabilidade política.

Não é só a direita que está pouco representada, porém. "Também não temos um grande partido de esquerda. O PT não é mais", afirma Villa. "Como considerar de esquerda um governo apoiado por Jader Barbalho, Guilherme Afif e Renan Calheiros?", questiona. "A verdade é que não temos mais aquele corte ideológico no país que existia até os anos 1990. O que vemos, às vezes, são grupos religiosos se manifestando em defesa de seus valores. E só."

Para o historiador, os esforços dos segmentos da direita em se organizar ainda são por demais incipientes. "Estes grupos muitas vezes acham que a internet pode resolver a questão da sua representação. Então criam um monte de sites e começam a trocar informações entre si. O Bolsonaro é uma figura em que se reconhecem, mas é apenas um entre 513 deputados. Esses grupos se movimentam, mas por enquanto não há motivos para se achar que o conservadorismo esteja crescendo no Brasil", avalia. UC